DOCUMENTO

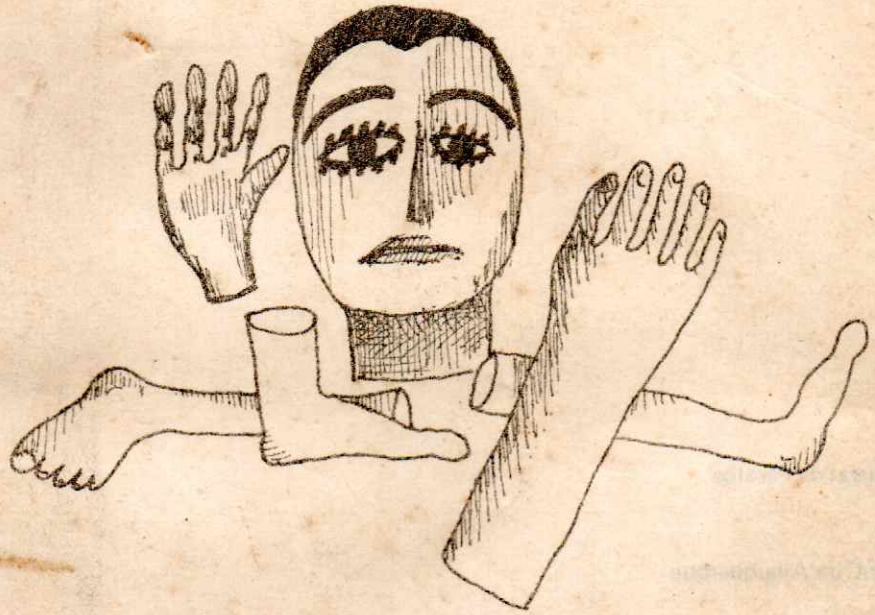
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários
Núcleo de Pesquisas e Documentação da
Cultura Popular – NUPPO

Praça Rio Branco s/n
58.000 – João Pessoa-PB

ANO I - Nº 2

Julho de 1979

EX-VOTO



Sumário

COMO NO PRINCÍPIO 01
Iveraldo Lucena da Costa

ENFOQUE SÓCIO–ANTROPOLÓGICO DO EX–VOTO 06
Antonio de Souza Sobrinho

EX–VOTO: UMA REALIDADE DO CATOLICISMO POPULAR 15
Altimar de Alencar Pimentel

O EX–VOTO COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO POPULAR 23
Osvaldo Trigueiro

REPRESENTAÇÃO PLÁSTICA DO EX–VOTO 28
Arnaldo Tavares

Universidade Federal da Paraíba

Reitor
Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque

Vice-Reitor
Serafim Rodriguez Martinez

Pró-Reitor para Assuntos Comunitários
Iveraldo Lucena da Costa

Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação
Oswaldo Meira Trigueiro

Pró-Coordenador
José Nilton da Silva

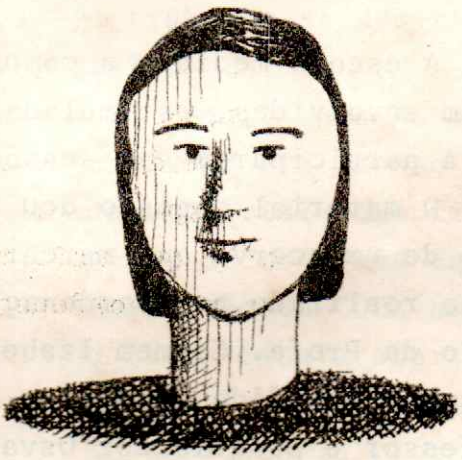
Setor de Arquivo e Documentação
Maria do Rosário Ferreira

Editor
Altimar de Alencar Pimentel

Ilustrações: Henrique Magalhães

COMO NO PRINCÍPIO

Iveraldo Lucena da Costa



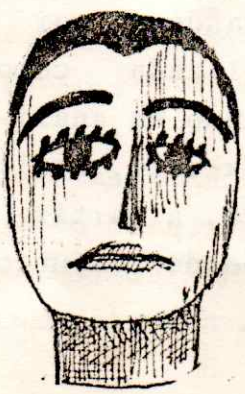
A exposição de Ex-votos marcou na oportunidade, o início de um trabalho que deveria ser realizado a partir da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários, voltado conscientemente para o estudo e projeção dos valores culturais populares.

A sistemática desenvolvida para uso da exposição foi igualmente adotada de modo deliberado: pretendíamos inovar também neste campo e a proposta foi de uma exposição didática. Não faz sentido expor por expor, o objeto explicando-se por si próprio. Assim a exposição foi utilizada como motivação para um trabalho mais profundo de análise do próprio elemento cultural - o ex-voto. Realizamos um ciclo de debates que permitiu, a partir da palavra de especialistas, uma visão de conjunto do fato analisado.

A escola média e a comunidade universitária foram envolvidas, estimuladas à crítica à amostra e a participarem das sessões de debates.

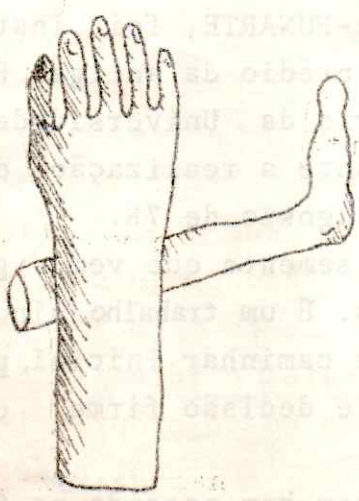
O material exposto deu a partida para a composição de um acervo que marcaria o início de um trabalho realizado na Coordenação de Extensão - com o apoio da Profa. Carmem Izabel Carlos Silva e o entusiasmo e decidido propósito de construir do jovem professor e pesquisador Osvaldo Meira Trigueiro - através da Divisão de "Folcomunicação" que se criava e se instalava na COEX.

A ênfase do reitorado Lynaldo Cavalcanti no campo cultural estava bem delineada na opção feita e proclamada. Sem perder de vista o universal de seu objetivo a Universidade tem um compromisso indeclinável com a comunidade onde está inserida. Desenvolver esforço visando pesquisar, registrar, estudar, difundir e por todos os meios valorizar os fatos culturais marcantes e identificadores de nosso povo como busca da nossa própria identidade seria a palavra de ordem. Foi dentro desse entendimento e na perseguição desse objetivo que



o trabalho se desenvolveu na PRAC a partir de 1976.

Facilmente se verificou que o campo de trabalho era imenso e que a tarefa deveria ser desenvolvida como fruto de participação integrada de toda uma equipe. A Divisão de Folcomunicação da COEX ampliou rapidamente sua ação, o campo estava aberto e havia a decisão de ocupar o espaço vazio. O estudo das nossas manifestações folclóricas, iniciado também de maneira marcante, com a Festa do RRosário de Pombal, indicava o quanto se tinha por fazer e a dimensão exata do trabalho no espaço e no tempo. Logo em 77, durante o Seminário de Artesanato realizado em Patos, surgiu e começou-se a trabalhar, a idéia de criação de um mecanismo que pudesse representar um esforço definitivo para equipar a Universidade de um mecanismo de trabalho permanente na área do Folclore e do Artesanato. Foi imaginado o Museu da Cultura Popular, órgão dinâmico que possibilitasse de maneira mais segura atender



aos nossos objetivos. Trabalhada a idéia evoluíamos para a criação do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular que abrigaria o Museu e teria a vantagem de se equipar de uma sistemática de trabalho que vinha sendo implantada na Universidade com os Núcleos de Pesquisa, em outras áreas.

O NUPPO com o Museu da Cultura Popular, contando com o apoio e incentivo do Instituto Nacional de Folclore, na pessoa do paraibano Bráulio Nascimento, com o apoio e incentivo da Fundação Nacional de Arte-FUNARTE, foi instalado em espaço nobre, no prédio da antiga Escola de Engenharia, próprio da Universidade, no Centro da cidade, durante a realização da VI Festa do Folclore, em agosto de 78.

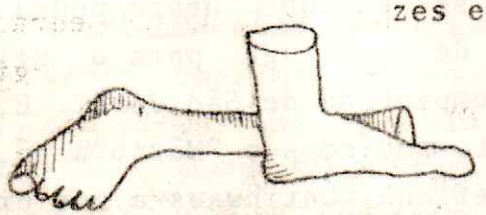
Foi aí plantada uma semente que vem gerando os primeiros frutos. É um trabalho ainda incipiente, tímido no seu caminhar inicial, porém com objetivos claros e decisão firme de atingí-los.



Animado por uma origem bem nascida na Co

ordenação de Extensão Cultural, com o carinho da Profa. Carmem Izabel, cuidado com zelo por uma equipe de estudiosos e construtores culturais, capitaneada inicialmente por Altimar Pimentel, contando com Francisco Pereira Junior, Maria do Rosário Ferreira, João Emídio de Lucena, Dalvanira Gadelha, Tereza Aquino e Osvaldo Trigueiro, que hoje lhe dirige os passos, fortalecido com a participação de José Nilton e Iracema Figueiredo, o NUPPO começa a ocupar seu espaço, conquistando-o sem atropelo, mas com firme consciência do seu papel. É inegavelmente um marco.

Ao publicar o segundo número de "DOCUMENTO" e dedicá-lo ao trabalho pioneiro de 76, realizado com o "ex-voto" o NUPPO, inteligentemente, começa a registrar as suas próprias raízes e diz claramente a que veio.



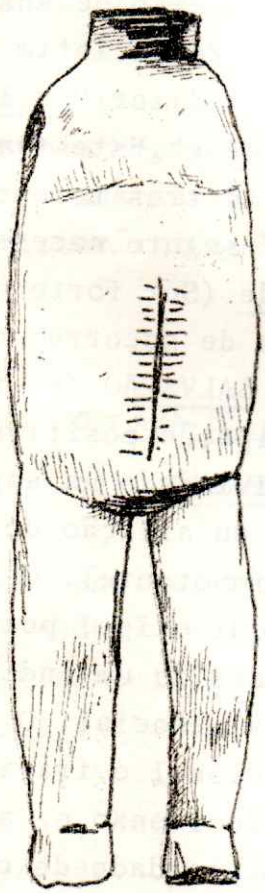
ENFOQUE SÓCIO-ANTROPOLÓGICO DO EX-VOTO

Antonio de Souza Sobrinho

1. INTRODUÇÃO

Para uma melhor compreensão do tema a ser abordado, julgamos interessante salientar aqui dois conceitos fundamentais: CULTURA e FÉ. Entendemos por Cultura toda forma ou maneira de ser, pensar e agir dos indivíduos que vivem associados. Todo grupo, por mais rústico que ele seja,possui cultura. Assim: até mesmo os "incultos" (iletrados) manifestam sua cultura. Fé é a atitude de alguém que acredita em outra pessoa, tendo por base a veraz autoridade (testemunho) dessa pessoa, de onde partem as informações recebidas. A fé do nosso homem simples é uma fé de "transportar montanhas". O "transportar montanhas" aqui é figurado, e nos faz lembrar Dona Zefinha, mulher quase octogenária, lá do Juàzeiro do Norte (Ce.), que, sem atinar para os conceitos de "tempo" e "espaço", nos explicava, com uma tremenda convicção, como a VIDA e MORTE de JESUS CRISTO se desenrolaram no "Hôrto" do Juàzeiro, espécie de "monte sagrado" para os devotos romeiros, e onde se encontra a gigantesca estátua do Padre Cícero Romão Batista. "Esta covinha" - nos dizia ela, apontando para o buraco de uma rocha - "é à marca do pezinho do Menino Jesus, que escapuliu do colo de Nossa Senhora, a qual havia se sentado nesta pedra, quando de sua fuga para o Egito, acompanhada de São José". E, enquanto subíamos o "Hôrto"a pé, Dona Zefinha continuava a nos ex

plicar outros fatos bíblicos."Esta barroca aqui" - dizia ela novamente - "foi feita pelo joelho esquerdo de Nosso Senhor, quando, com a cruz às costas, sofreu sua terceira queda na trajetória em busca do Calvário; desta vez Ele caiu do lado do coração que é do lado do amor".



2. O EX-VOTO

"EX-VOTO" é uma palavra composta do prefixo "ex" que indica PROCEDÊNCIA, ORIGEM, e do vocábulo "votum" (também latino) que significa promessa, voto.EX-VOTO seria, portanto, algo que procede de uma promessa, algo que tem origem em um voto. Pode-se dizer que EX-VOTO seja uma peça trabalhada em madeira ou em outro material, suspensa em lugar " Santo ", sempre relacionada com o cumprimento de uma promessa feita anteriormente, ou, ainda, em memória de uma graça obtida. Tentando ser mais claro: EX-VOTO seria, pois, quadro, imagem, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, jóia, mecha de cabelo ou outro qualquer objeto que se ofereça ou se exponha nos "cruzeiros" à beira de estradas, nas capelas, nos santuários ou " salas de milagres",em rigozijo de uma graça alcançada. A oferta é prometida ao santo de sua devoção, e, uma vez realizado o pedido, o fiel se vê na obrigação de pagar o voto feito. Sua prática vem desde o tempo do paganismo. Possivelmente, remonta aos ídolos... Tem-se como certo que há 3.000 anos A.C., no antigo Mediterrâneo, se ofertavam animais e

troféus de guerra aos deusas pelas vitórias alcançadas. Na Bíblia (Livro do êxodo, capítulo 32), há o relato do "Bezerro de Ouro" fundido com as arrecadas (brincos) de ouro das orelhas das mulheres, de Israel, para ser adorado, porque tal "deus" havia tirado o povo da terra do Egito. Para a antropóloga Maria Augusta Machado Silva, "os Ex-Votos são práticas universais, cujas raízes se perdem na faixa do tempo em que magia e religião não se distinguiam no enquadramento da práxis do misticismo" (Publicação UFPb./FUNARTE/DAC/MEC). Tornou-se hábito com a vigência do Cristianismo ou, mais precisamente, com a caracterização específica do CATOLICISMO. Entre nós brasileiros, a divulgação dessa prática remonta aos primeiros colonizadores portugueses. Materialmente, o EX-VOTO começa a existir quando o crente pinta ou esculpe (se possui certa habilidade), ou encomenda a alguém a representação do episódio ou " sucesso " em que ele julgou ver a participação da Entidade Sobrenatural.

3. A RELIGIÃO COMO UM FATO SOCIAL

Mas, para se entender o EX-VOTO, mister se faz saber de onde ele provém e em que contexto ele se insere. Todas as organizações sociais, assim como as instituições, foram criadas para satisfazer as necessidades básicas ou para diminuir os sofrimentos do ser humano associado. Se nos voltarmos para os albores da História e chagarmos aos homens primitivos, encontraremos, entre outras, certas necessidades pilastras, tais como o medo (que gera defesa), a segurança, um apoio protetor. É sem dúvida daqui que provém o cenceito de RELIGIÃO. Deriva-se esta do latim "religare" que quer dizer " relacionar-se", "ligar-se". Este tipo de relação admite três termos: o homem (ser inseguro, necessitado) ; a Divindade (Ser forte e protetor, capaz de socorrer os demais seres); e SALVAÇÃO (= resultado da participação positiva e benéfica da Divindade na angústia, no desespero ou aflição do homem frágil e impotente). O "RELACIONAR-SE" aqui exige, pois, mais de um ser, mais de um indivíduo; é algo grupal, social. O homem, como ser racional e frágil, jogado em um mundo imenso e agressivo, sentia necessidade de certa orientação básica nesse meio, de maior segurança, e, além do mais, sentia a necessidade de possuir

certo poder sobre as COISAS do próprio meio em que vivia. Os raios, a chuva, o céu, a noite, o dia, os rios, o mar... tudo era um desafio à sua ignorância curiosa e temerosa. Tanto mais fraco se mostrava o ser humano, tanto mais forte eram as Coisas. Daí uma tendência para ADORAR tudo aquilo que desconhecia: trovão, terremotos, relâmpagos. Ora: ADORAR é entrar em contato com (uma) Entidade Superior e de natureza transcedente, de modo propício e apaziguador, quando não suplicante. A religião acompanhava, pois, os altos e baixos das ansiedades individuais e coletivas. Também hoje, mudando aspectos e circunstâncias, muitas dessas características se sobressaem ainda.

4. O CARÁTER ANTROPOMÓRFICO DA RELIGIÃO

A atitude religiosa dos primitivos poderia muito bem ser caracterizada pelo MEDO. (Alguns etnólogos a chamam de "religião do medo"). Numa segunda etapa, com a maior organização da vida em sociedade, os elementos dominantes do meio-ambiente já não eram as forças da Natureza, as "Coisas", mas, sim, REALIDADES HUMANAS e sociais: o pai, a mãe, um grande líder benfeitor da comunidade. Ao conceito da divindade passou-se a acrescentar a idéia da sublimação do pai e do líder morto que estaria a premiar o bem, que protege, que ama e que castiga. Surge, aqui, a ligação da Moral com a Religião. Ou melhor: a Religião absorve a Moral, passando a controlar os atos do HOMEM e a interferir em seus costumes. Nesta fase, a Divindade toma um aspecto mais antropomórfico do que na fase anterior. Já aqui a religião passa a se caracterizar quase sempre como um AMPARO nas prementes necessidades materiais. E isso tomou forma tão complexa e intensa que levou vários povos ao sacrifício humano para obtenção de medidas de alcance fundamental para suas vidas. (Os Astecas, antes da estação chuvosa, não hesitavam em sacrificar pessoas, abrindo-lhes os peitos com machados de pedra, para arrancar-lhes os corações ainda palpitantes e oferecê-los aos deuses). A mitologia religiosa dos povos antigos era, sem dúvida, uma ANTROPOMORFIZAÇÃO de suas necessidades e desejos. Assim: o desejo de abundância, a necessidade de comércio, o desejo de saber, a necessidade de saúde... criaram respectivamente de

ses da abundância, do comércio, do saber, da saúde. A religião vinha corresponder, assim, à proteção dos desejos humanos; era um APOIO nas tensões e ansiedades. Com um ritual próprio e característico, também sempre foi desenvolvida, quase que paralelamente, a prática da MAGIA que consta de certos atos com os quais o homem pretende influir no curso de certos acontecimentos ou em pessoas (outros homens), de forma benéfica ou maléfica. O FEITIÇO, que tantas e tantas vezes encontramos nas nossas encruzilhadas, com seu material indispensável e esppeífico para cada caso, é uma forma de magia, por ser um ato ritual desempenhado para alterar um processo psicológico numa pessoa, ou alterar um processo da Natureza, com o intuito de satisfazer um desejo HUMANO. Nos últimos tempos, estaríamos passando talvez para uma terceira etapa, em que a tendência seria tornar mais doméstico (=nacional) o significado religioso de determinados povos. É verdade que todo o mundo cristão comemora na sexta-feira santa o episódio da crucificação de Jesus, com maior ou menor fervor. Entretanto, em certa região do Estado de Chiapas (México), a sexta-feira da paixaõ tem um significado muito especial: rememora-se, certamente, a morte do "redentor"; não porém, o sacrifício do Rabi da Galiléia, mas a crucificação do "crito" indígena que morreu na cruz para remir os povos tzeltaltzotziles. Os índios "Chamulas" (tribo do grupo étnico Tzeltaltzotziles, da nação asteca), explorados, humilhados, julgaram que Jesus não lhes atendia as súplicas por ser um deus branco, distante; decidiram, então, ter um "cristo" autóctone, índio, e crucificaram um menino de dez anos. Dizem que ainda hoje perdura, nas capelas dessa região, uma geração de santos morenos, feitos à imagem e semelhança do índio. Antes, eram as "Coisas" que eram adoradas e deram lugar ao HOMEM; nessa terceira etapa, são os próprios deuses (nacionalmente neutros) que são substituídos pelo SER HUMANO. O fato de Cristo (=Deus) ter se tornado homem poderia ser mais uma tentativa de explicitar o caráter antropomórfico da religião. É que, no fundo, a religião é sobretudo uma maneira humana de SER.

5. O EX-VOTO COMO UM FATO RELIGIOSO.

O EX-VOTO é uma expressão de culto que quase sempre assume

forma retributiva, concretizada na OFERTA de elementos materiais, em agradecimento de qualquer intervenção miraculosa ou GRAÇA recebida. Trata-se, pois, de uma transação do homem com o Sobrenatural, em que o agradecimento expresso diz respeito ao restabelecimento humano de uma doença a uma boa safra(lavoura), ou até mesmo à cura de um anima de estimação. O agraciado, na impossibilidade de comprar peças industrializadas, executa uma peça em geral tosca, esculpida em madeira ou outro material, para o PAGAMENTO da dívida; é excetuado frequentemente o barro, por não ser duradouro. É importante, aqui, o termo "pagamento". Podemos perceber, assim, que o EX-VOTO é um fato ou realidade religiosa na sua origem ou intencionalidade, que se torna um fato social na sua execução, pois ele envolve sempre uma relação "grupal". E nesse relacionamento entre o homem necessitado e a Divindade onipotente, surge, por um lado, a GRAÇA (a Divindade, em si mesma já completa e não necessitando de mais nada, o que faz para os homens, o faz gratuitamente); por outro lado, surge também, da parte humana, a RETRIBUIÇÃO que é reconhecimento. O homem, mesmo sabendo que a Entidade Divina não precisa de nenhum acréscimo, sente que lhe deve pagar. (Talvez até para poder obter novos "créditos"!). Aliás, atitude semelhante é muito comum nos relacionamentos entre os próprios homens. O EX-VOTO é uma maneira simples de pagamento. Já que a religião dogmatista é muito "alta", abstrata, complicada..., sempre aparecem maneiras mais práticas de se expressar religiosidade. Acreditamos que, nesse contexto, também o Catimbó ou outras modalidades do espiritismo sejam derivações mais realistas de uma religião quase inatingível popularmente.

6. CARACTERÍSTICAS DO EX-VOTO

a) Em busca de uma melhor caracterização dos EX-VOTOS, alguns estudiosos começam por apontar os vários tipos de EX-VOTOS até então conhecidos, classificando-os, de um modo global, em "ELEMENTOS MATERIAIS DO RITUAL PROTETIVO e PRODUTIVO". São protetivos aqueles que visam à proteção, embora não se possa determinar uma linha rigorosamente marcante para dividí-los. A cura é uma proteção da saúde, assim como é também a oferta da mecha de cabelo. São produtivos aqueles que consistem em promessas

feitas em nome de algum santo, onde consta o processo de angariar ôbulos para sua festa ou santuário. A jóia - oferta característica dos moradores da cidade - é um ritual ao mesmo tempo protetivo e produtivo, porque é sempre ofertada com vistas à felicidade futura (como fazem comumente as jovens esposas, no Santuário de Aparecida do Norte) e ,ao mesmo tempo, é algo valioso que vai ser útil ao culto ou serviços do culto.

b) O folclorista Osvaldo Meira Trigueiro chama a atenção para o VALOR ANTROPOLÓGICO do EX-VOTO "como agente de comunicação popular e artístico; o povo conta sua história através de peças feitas em madeira, no barro, no pano, na pedra, na cera, nas cartas, e até mesmo nos jornais, publicando orações em agradecimento aos santos... manifestando os seus pensamentos, os seus pedidos... e transmitindo às várias gerações as notícias e tragédias de sua época" (Divulgação UFPb/FUNARTE/DAC/MEC). E Luís Beltrão acrescenta: "Os romeiros, em suas cartas (ou através dos próprios Ex-Votos tão expressivos que dispensam explicação), contam ao santo as suas dificuldades, os seus segredos íntimos, os seus problemas de vida; mulheres abandonadas pedem a volta dos esposos; empregados clamam por ocupações profissionais; estudantes querem ajuda do céu para abrandar o coração dos mestres; mães reclamam a ingratidão dos filhos que não tornaram à casa paterna" (Divulgação UFPb/FUNARTE/ DAC/ MEC).

c) Quanto à forma, os EX-VOTOS geralmente são classificados em: simples , antropomorfos, zoomorfos e especiais (ou representativos-de-valor). ANTROPOMORFOS são os que representam o corpo humano (no todo ou em partes) em desenhos, esculturas, pinturas ou fotografias. (Estes são os mais característicos). ZOOMORFAS são as representações de animais ("agraciados" com determinadas curas). SIMPLES são aqueles que não podem ser encaixados em nenhuma das classifica

f) Normalmente os EX-VOTOS se apresentam como algo expressivo da religiosidade de nosso povo mais simples ou menos sofisticado. Imenso é o respeito que o caipira, por exemplo, tem pelo que é sagrado, e daí serem intocáveis os objetos de uma capela. (Sugestiva e interessante seria a elaboração de um estudo sobre o caráter "mágico" do Ex-Voto... caracterizado na "maldi

ção" de uma "peça" santa que foi roubada, ou no costume do povo em enterrar imagens de santos a fim de obter chuvas copiosas). Em igrejinhas rústicas, em "cruzeiros", ou capelinhas à beira de estradas, tem sido encontrado frequentemente dinheiro ao pé dos santos, e também muitas imagens esculpidas em madeira, com mais de um século de existência... É sempre a marca do homem temeroso tentando AGRADAR a Divindade!

7. CONCLUSÃO

Augusto COMTE, numa tentativa de melhor explicar o processo evolutivo da Humanidade, diz ter esta última passado três estágios sucessivos: o "teológico" onde as atividades e atitudes do homem giravam em torno do sobrenatural e as explicações das coisas eram dadas e entendidas através da crença; o "matafísico" onde o predomínio era da razão; e, finalmente, o "positivo" onde a única explicação plausível era aquela que sofria o crivo da experiência concreta. Entretanto, pelo que conhecemos e pelo que vivemos, podemos afirmar que, mesmo nesta época da mais avançada tecnologia, o homem

cies (milho, feijão, ovos, e até jóias) que, convertidas em moeda, iriam beneficiar a manutenção do culto ou da casa do culto. (Alguns sacerdotes costumam realizar leilões com certas oferendas, tais como: bois, ovelhas, cavalos, etc).

d) Os Ex-Votos antropomorfos, zoomorfos e alguns simples têm mais cunho protetivo; enquanto os especiais têm cunho produtivo; convém lembrar que uma peça trabalhada em madeira (ex-voto antropomorfo) tem um valor artístico incomparável, principalmente pela sua grande ingenuidade, e) Para o mestre Luís da Câmara Cascudo, "o Ex-Voto é uma voz informadora da cultura coletiva, no tempo e no espaço, tão legítima e preciosa como prafernália arqueológica; vale muito mais do que uma coleção de crâneos, com suas respectivas e graves medições classificatórias; é um dos mais impressionantes e autênticos documentos da mentalidade popular, do neolítico aos nossos dias; e sempre contemporâneos, verdadeiros e fiéis" (Divulgação UFPb/FUNARTE/DAC/MEC).

mem ainda se encontra "medroso" e "inseguro", e o aspecto religioso (="teológico") ainda parece ser a sua verdadeira tábua de salvação. Talvez os "deuses" tenham mudado de nome ou até mesmo de sentido (hoje,para muitos, os ídolos poderiam ser o dinheiro ou o sexo...). Mas a ansiedade humana ainda continua. E, mais uma vez, um PROTETOR se lhe faz necessário. E como prova disto estão aí a vitalidade, a atualidade, e toda a exuberância dos Ex-Votos.

8. BIBLIOGRAFIA

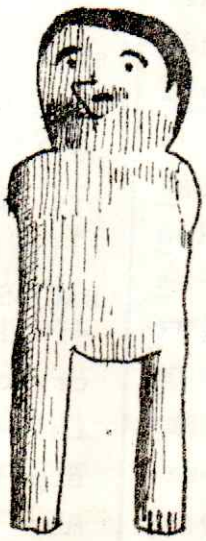
ARGYLE, Michael: "A Interação Social", Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.

LABBENS, Jean: "La Sociologie Religieuse" - Librairie Arthème Fayard, Paris, 1959.

FICHTER, Joseph-H: "Sociologie" - Editions Universitaires,Paris, 1966.

CARVALHO, Irene Mello: "Introdução aos Estudos Sociais" - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1969.

LAROUSSE: Grande Enciclopédia Delta Larouse - Editora Delta, S.A., Rio de Janeiro, 1974. Divulgações UFPb/FUNARTE/DAC/MEC: Centro de Cultura da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1977.



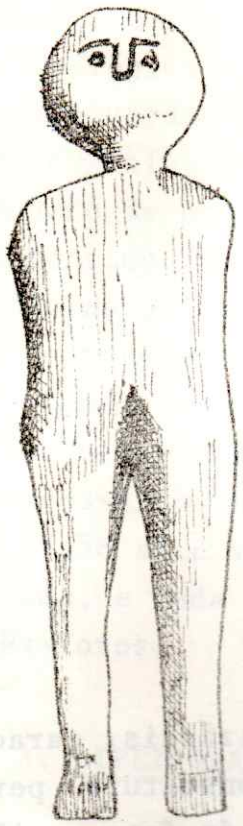
EX–VOTO: UMA REALIDADE DO CATOLICISMO POPULAR

Altimar de Alencar Pimentel

Se tomarmos a palavra ex-voto no seu sentido lato - ou seja: "o que procede de promessa" - podemos observar que a gratidão resultante do pacto estabelecido com a divindade é expressa em forma simples (fita do tamanho do corpo, etc.), antropomorfa (reprodução do corpo humano - todo ou parte), zoomorfa (reprodução de animal) especial ou representativa de valor (joias, dinheiro, ouro, produtos do roçado, animais) e ainda imaterial.

Pode-se incluir entre os simples a reprodução fotográfica de casas, navios e objetos diversos, representativos de bens simbólicos, mas intimamente ligados à gratidão, ao pacto com a divindade, testemunhando a graça alcançada - formas materializadas ou materializáveis, caracterizando-se por constituir permanente constatação do fato milagroso, do favor obtido, expressa a gratidão do crente no objeto com dimensões bastantes claras.

Estas formas materiais de ex-votos, pela abundância e pelos aspectos que as envolvem, têm sido objeto de estudos frequentes, considerando tanto o seu sentido religioso, como artístico, e, neste, toda a gama de elementos de composição. A gratidão e o pacto, no entanto, não se expressam apenas por formas materiais. Eles podem expressar-se através de um ato de sacrifício, abstinência, pela dança, por uma declaração pública em letra de forma, e até, por um sinal no céu...



Em muitos casos, o ex-voto é confundido com a divindade, com o orago, ou creditam-se-lhe qualidades divinas, poderes especiais, capacidade de obrar milagres, passando a constituir objeto de adoração. O exemplo mais flagrante de ex-voto tido como santo e milagroso pelo povo foi o caso do "boi Mansinho" do Juazeiro. Doado ao Padre Cícero em ato de gratidão por graça alcançada, ou assim tido, o boi passou a ser cuidado pelo Beato Lourenço. E, de repente, começou a operar milagres e ser objeto de culto dos romeiros do Padre Cícero. O fanatismo em torno do boi tomou tal proporção que Floro Bartolomeu, temendo viesse ele a ofuscar ou a fazer concorrência à capacidade milagreira do Padre Cícero, ordenou o seu abate em praça pública.

Este episódio realça sobremodo o carater divinatório do ex-voto em sí, considerado sagrado, e sacrílego aquele que o profana. Contam-se, a propósito, casos de pessoas que são acometidas de doenças como punição por roubos de fitas ou peças de pequenos nichos de beira de estrada, alí depositadas por promessa.

SACRIFÍCIO FÍSICO

O pagamento da promessa ou o ca de determinada graça tem ainda no sacrifício físico - flagelação, jornadas penosas, abstinência - uma forma de manifestação de religiosidade e gratidão encontradiça em todos os pontos de afluência de fiéis e que gozem de prestígio milagreiro. Estas práticas podem ser exemplificadas pelas longas caminhadas de sertanejos conduzindo pedras às cabeças em gratidão pelas chuvas indispensáveis ao cultivo da terra; pela participação em grupos (cordões) de penitentes (e / ou flageladores) que praticam a auto-flagelação pelo espaço de se

te anos, depois dos quais fica liberado - também sujeitam-se a abstinências alimentares,sexuais, etc.-e pelas abstinências alimentares, sexuais, de cores no vestuário, de fazer barba e/ou cabelo - sendo homem, conservar cabelo e/ou barba; sendo mulher cortar o cabelo, vestir uma só cor - observando imenso número de deveres penitenciais efereci dos no momento de aflição.

Tais abstinências visando obsequiar os deuses e santos até que o intento almejado seja completamente efetivado, são antiquissimos. Júlio César eximiu-se de fazer o cabelo e a barba até conseguir vingar a morte de Titurius, seu lugar-tenente. Também, Augusto, Imperador Romano, observou a mesma abstinência quando Varus perdeu três legiões na Germânia.

Caminhar de joelhos longas distâncias, subir degraus de templos religiosos = Penha, no Rio de Janeiro - constitui forma de sacrifício físico que, igualmente, encontra similitude no costume romano de percorrer de joelhos o campo de Tarquínio, o Soberbo, em decorrência de promessa. Aqui mesmo em João Pessoa, pode-se observar esta forma de sacrifício físico em pagamento de graça alcançada na Igreja da Penha. De igual modo, ocorre também a subida de joelhos da ladeira da Guia,como pagamento de promessa.

Pode-se, ainda,lembrar como promessa de sacrifício físico o caso do homem que conduziu uma enorme cruz de madeira desde Cabedelo até a Matriz de Santo Cristo de Ipojuca. Ou se quisermos recorrer a um exemplo ficcional, citar "O Pagador de Promessas" de Dias Gomes onde Zé da Burra realiza longa caminhada com uma cruz às costas.Nos dois casos, a promessa assume forma material (a cruz) e imaterial (o esforço físico)

Inversamente, observa-se o costume de inflingir-se "castigos" às imagens de santos a fim de obter favores. O mais "sacrificado" é Santo Antônio, vítima das moças casadoiras mal sucedidas. Há diversidade de castigos infligidos a Santo Antônio -pôr o Santo de cabeça para baixo, mergulhá-lo num pote cheio d'agua, pô-lo em lugar malcheiroso - dos quais só será liberado se a dama responsável pelo suplicio for libertada de sua condenação ao caritó. A propósito, há uma lenda sobre uma moça que fez toda espécie de promessas e infligiu os castigos mais diversos a Santo Antônio para

que arranjasse um marido. Certo dia, desesperada pela demora no atendimento a seus rogos, a jovem atirou a imagem do Santo pela janela. A imagem atingiu a cabeça de um moço que passava, montado em seu cavalo, no justo momento em que o Santo foi projetado janela a fora. O jovem foi atendido na casa da moça que se desdobrou como enfermeira. Terminou por casar com ela.

Mas não é somente Santo Antônio que padece tais vexames. Há referências a costume antigo, em Portugal, de se atirar a imagem de São Pedro rio abaixo caso as chuvas não chegassem no tempo aprasado pelos fiéis com o santo. No interior do Ceará, Gustavo Barroso registrou o castigo, pela mesma causa, de atar a imagem em um foguetão e fazê-la ir-se pelos ares.

PROMESSA A SÃO LÁZARO

Um costume registrado por Rodrigues de Carvalho (CANCIONEIRO DO NORTE) no Município de Uruburetama, Ceará, consiste em pessoa portadora de ferida que resiste em sarar, prometer a São Lázaro oferecer banquetes aos seus vizinhos e cachorros quando for curado da moléstia. "Sarada a referida, a pessoa prepara um grande jantar como se fora para pessoas distintas, mesa, toalha, copos, talheres, enfim, nada é esquecido, assim como as melhores iguarias, doces de diversas frutas e bebidas de diversas qualidades, sobressaindo entre todos o aluá".

Para este jantar tão atentamente cuidado, convida os vizinhos e seus cachorros. Os convidados, "chegando ao local onde está servido o jantar, assentam-se à mesa... os cachorros sendo servidos com toda etiqueta pelos seus próprios donos. Depois que os tais convivas acabam de comer e que nada mais desejam, é que as pessoas convidadas, sentam-se à mesa para fazer por sua vez, uma larga refeição. À noite há uma festa".

A descrição de Rodrigues de Carvalho impressiona pelo detalhe do cerimonial, onde os cachorros são os principais convivas, aqueles que primeiro são servidos, para, só em seguida, os seus donos provarem as iguarias oferecidas. É um gesto de humildade que transcende a obrigação do próprio beneficiado com a graça para atingir a todo um grupo humano próximo à sua residência. Sem dúvida a cerimônia cerca-se de um carater grupal, comunitário, como se a gra

ça não beneficiasse apenas o doente, mas também os seus vizinhos.

MISSAS E ORAÇÕES

Outras formas de "promessa" são as missas que se mandam dizer em favor das Almas do Purgatório e as orações publicadas nos jornais nos pequenos anuncios - Religiosos - dirigidas ao Espírito Santo, ao Menino Jesus de Praga, à Virgem Maria...

Em qualquer jornal pode-se encontrar orações como a que transcrevemos em seguida:

"ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO".

Espírito Santo, Vós que me esclareceis tudo, que iluminais todos os caminhos para que eu atinja meu ideal.

Vós que me dais todo o dom Divino de perdoar e esquecer o mal que me fazem e que todos os instantes de minha vida estais comigo, eu quero neste curto diálogo agradecer por tudo e confirmar mais uma vez que eu nunca quero me separar de Vós, por maior que seja a ilusão material, não será o mínimo de vontade que sinto de um dia estar convosco e todos os meus irmãos na glória perpétua. Obrigado mais uma vez.

Por uma graça alcançada agradece - Gracinha Carneiro".

O ex-voto, no sentido que vimos enfocando nesta abordagem, demonstração pública de gratidão ao Santo, ao orago pela graça alcançada, encontra nessas formas de expressão de religiosidade ampla preferência,notadamente nas camadas sociais de maior poder aquisitivo.Entre os católicos mais ortodóxos e de nível cultural mais elevado as missas de agradecimentos ou as orações publicadas em jornais ocorrem com muito mais frequência que entre as classes mais humildes que preferem manifestações mais próximas do catolicismo popular, notadamente os ex-votos materiais.

A DANÇA DE SÃO GONÇALO

A Dança de São Gonçalo,como informa Beatriz G.Dantas,(1) é "um ritual religioso destinado especialmente a pagar promessas". Antigamente era realizado no interior das próprias igrejas, mas as autoridades eclesiásticas consideraram a manifestação lúdica imprópria para os templos católicos e proibiram a sua realização nesses locais.

Desde então, o promotor da dança - pagador de promessa manda erguer um altar em sua própria casa, no interior, ou no terreiro e convida os tradicionais

integrantes do grupo de São Gonçalo a visitá-lo. Assim ocorre nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Bahia, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Permitimo-nos aqui uma longa transcrição do trabalho da pesquisadora Beatriz G. Dantas (2) sobre a Dança de São Gonçalo:

"Qaundo realizada para pagar promessa, a Dança de São Gonçalo inclui um núcleo básico constituído de almoço, procissão e dança que é realizado no decorrer de um dia. Esta é, porém, considerada como forma simplificada, se bem que a mais frequente na atualidade, pois na concepção dos dançadores uma dança completa inclui o núcleo acima citado, precedido de sete ensaios, alongando-se por sete semanas, enquanto a meia dança é constituída de quanto ensaios e mais o núcleo básico.

Este é quase sempre realizado num domingo. Pela manhã efetua-se o "ensaio geral". No interior da casa ou no terreiro, diante da imagem do santo posta em cima de pequena mesa, executam as sete jornadas, conjunto de evoluções, mesuras e cantos prescritos, que se iniciam com os dançarinos fazendo o sinal da cruz e se findam com todos eles ajoelhados diante do santo após terem desenvolvido movimentada coreografia.

Ao meio-dia o promesseiro oferece um almoço do qual participam os dançarinos em conjunto. Não se trata de simples refeição, mas de um banquete ritual em que se desenvolvem ações prescritas e formalizadas. Sobre uma esteira os pratos em número correspondente ao de figurantes da dança. O alimento é trazido e os sangonçalistas participam da refeição em comum. Apenas eles têm acesso à comida nesse momento. Os assistentes poderão servir-se mais tarde. Ao terminá-la, uma vasilha com água circula por eles e todos lavam as mãos. Os tocadores tomam dos seus instrumentos, enquanto nove dos pratos nos quais comeram, ainda com restos de alimentos, são dispostos sobre a esteira, quatro de um lado, quatro de outro e um na cabeceira. Diante deste posta-se o patrão e sob seu comando os dançadores, ajoelhados junto aos pratos, entoam cantos tidos como apropriados para esse momento. A disposição dos figurantes obedece ao mesmo esquema básico, findam-se os cantos, levantam-se os devotos

de São Gonçalo. Está terminado o banquete.

À tarde, com os trajes próprios para a execução da dança realizam o acompanhamento, cortejo processional em que a imagem do santo, dentro de uma pequena barca, é lavada por uma mulher - a mariposa - acompanhada pelos dançadores que enfileirados cantam e dançam à capela. No interior do templo, apresentam suas danças e retornam ao local de saída - a casa do promesseiro - onde diante do santo repetem algumas jornadas da dança. Finda-se o rito. Está paga a promessa".

Oriunda de Portugal, a dança evoca a lenda em torno de São Gonçalo, santo tocador de viola que convertia as mulheres com elas dançando. Adianta a lenda que enquanto dançava, São Gonçalo usava sapatos com pregos ponteagudos no interior que lhe martirizavam os pés, constituindo a dança antes um sacrifício que um prazer. Em Portugal, os romeiros que acodem a Amarante dão nó na giesta (planta ornamental) e quem assim faz logo casa. Trazem figuras de trigo cobertas de açucar e mesmo pães com formas fálicas. São Gonçalo é o padroeiro das meninas que querem casar, seja qual for a idade.

No auto popular do Boi de Reis, há a chamada "dança dos arcos" onde se cantam versos a São Gonçalo, entre os quais estão alguns alusivos ao poder casamenteiro do santo:

"São Gonçalo do Amarante,
Santo da cara bonita
Se eu casá c'aquela moça
Dou-te três balaio de fita".

O tema do casamento é constante nos cantos dedicados a São Gonçalo, muito embora as promessas não objetivem apenas este fim.

"São Gonçalo d'Amarante
Casamenteiro das vêia
Por que num casou as moça
Que má lhe fizero ela?

São Gonçalo do Amarante
Casamenteiro das moças,
Casai-me a mim primeiro
Para então casar as outras.

Viva e reviva
São Gonçalinho,
Dai-me, meu Santo,
Um bom maridinho.

Seja bonitinho,
E queira-me bem
Aquilo que é nosso
Não dê a ninguém."

O ARCO DE DEUS

Todas as expressões votivas imateriais que vimos até agora estabelecem um tipo de relacionamento crente/divindade onde o primeiro testemunha de forma clara o seu agradecimento pelo benefício recebido. Pressupõem, assim, um concerto, uma promessa à divindade que será obsequiada em função do atendimento ao desejo do suplicante.

Embora não possua as características comuns ao ex-voto, o Arco-Iris, segundo a tradição bíblica, é o símbolo, a representação, de um pacto, de uma promessa, de um concerto entre Deus e os homens. Ocorre aqui, evidentemente, o inverso, no que se refere ao relacionamento crente/divindade motivador do voto. Não se trata da expressão da gratidão do homem beneficiado pela divindade, mas de um sinal da promessa de Deus feita a Noé de que não haverá de destruir outra vez a Humanidade com água.

Voltamos, agora, ao conceito contido na expressão latina ex-voto, para concluir que o Arco-Iris, como símbolo de uma promessa, de um voto, pode ser também considerado nesta categoria.

Na Bíblia, Livro do Gênesis, Cap. 9, Versículos 11 a 17, assim é descrito o pacto estabelecido entre Deus e os homens, representados por Noé.

"E eu convosco estabeleço o meu concerto, que não será mais destruída toda carne pelas águas do dilúvio, e que não haverá mais dilúvio, para destruir a terra.

E disse Deus: Este é o sinal do concerto que ponho entre mim e vós, e entre toda a alma vivente, que está convosco, por gerações eternas:

O meu arco tenho posto na nuvem; este será por sinal do concerto entre mim e a terra.

E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra aparecerá o arco nas nuvens.

Então me lembrarei do meu concerto, que está entre mim e vós, e ainda toda alma vivente de toda a carne; a as águas não se tornarão mais em dilúvio, para destruir toda a carne.

E estará o arco nas nuvens, e eu o verei, para me lembrar do concerto eterno entre Deus e toda a alma vivente de toda carne, que está sobre a terra.

E disse Deus a Noé: Este é o sinal do concerto que tenho estabelecido entre mim e toda a carne, que está sobre a terra".

O EX-VOTO COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO POPULAR

Osvaldo Trigueiro

Mesmo com a grande penetração dos veículos de Comunicação de Massa nas pequenas cidades do interior, ainda encontramos uma das mais antigas e puras manifestações de fé e devocionismo religioso do povo. São os pequenos Santuários, as Capelas, as Cruzes de Estradas e os Cruzeiros, onde os fiéis depositam aos santos oferendas como pagamento de graça alcançada.

O Ex-voto é uma maneira de agradecimento que faz o fiel a algum Santo ou divindade pelo restabelecimento de uma doença, uma boa safra, um bom casamento, a compra de uma casa, por deixar de beber, por ter passado nos exames finais, e até mesmo, pela cura de um animal de estimação.

Para a antropóloga Maria Augusta Machado da Silva, os ex-votos são "práticas universais cujas raizes se perdem na faixa do tempo em que magia e religião não se destinguiam no enquadramento da praxis de misticismo".

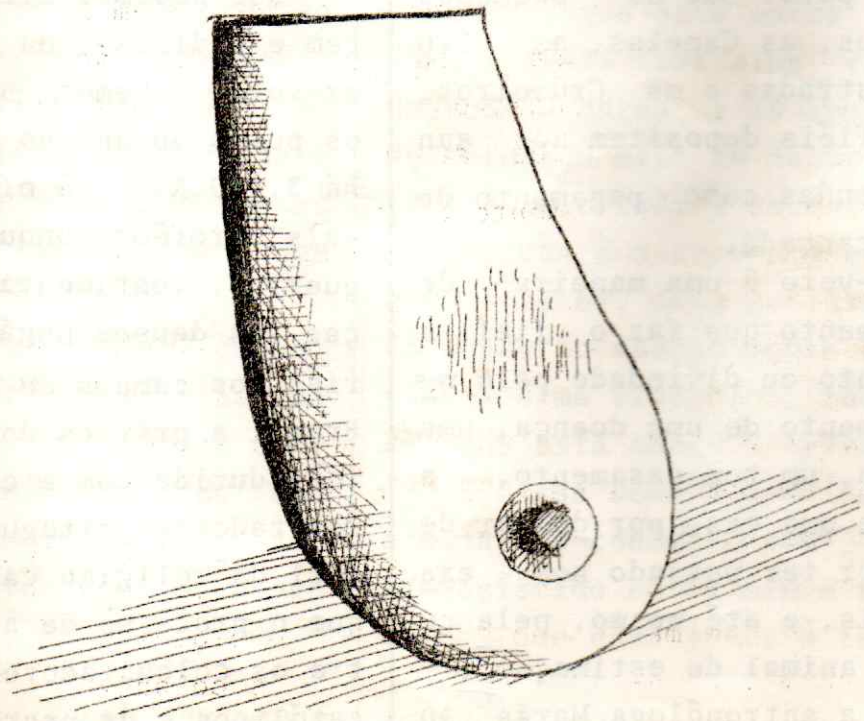
Não podemos determinar a origem e a difusão da prática do ex-voto, sabemos, no entanto, que os povos do antigo Mediterrâneo, hã 3.000 A.C, já ofertavam animais, troféus conquistados nas guerras, vestimentas e outras peças aos deuses pagãos pelas vitórias nos campos de batalha. No Brasil a prática do ex-voto foi introduzida com a chegada dos colonizadores portugueses como ritual da religião católica, sendo que o processo de aculturação entre os colonizadores europeus católicos e os negros africanos

fetichistas transformaram-na em uma das mais puras manifestações do sincretismo religioso popular brasileiro.

Na antiga Roma, os jovens quando chegavam à puberdade ofereciam ao deus Apolo a sua vasta cabeleira, que era conservada com essa finalidade. É muito comum, ainda hoje, esse tipo de promessa em troca de favores recebidos dos santos, principalmente de São Bom Jesus dos Passos, que protege e mostra o caminho do bem aos adolescentes.

Além da finalidade principal que tem o ex-voto, como peça para se pagar uma graça alcançada a um santo, há também de se considerar o seu valor antropológico, social, artístico, cultural e de veículo de comunicação popular. Como veículo de comunicação popular nso ex-votos o povo conta a sua história através das peças feitas em madeira, barro, pano, pedra sabão, como também em bilhetes, cartas, fotografias e até mesmo em orações publicadas em jornais.

Luiz Beltrão, em estudo sobre o ex-voto como veículo de comunicação popular, considera-o um agente da linguagem do povo e dos seus sentimentos: "Os romeiros, me suas cartas (ou, acrescentemos, através dos próprios ex-votos tão expressivos que dispensam explicações), contam aos santos as suas dificuldades, os seus



segredos íntimos, os seus problemas de vida, mulheres pedem a volta dos esposos, empregados clamam por ocupações profissionais, estudantes querem ajuda do céu para abrandar o coração dos mestres, mães reclamam a ingratidão dos filhos que não tornaram à casa paterna".

São nos ex-votos que as populações mais humildes das zonas rurais e das periferias das grandes cidades manifestam os seus pensamentos, os seus pedidos, contam as suas histórias e transmitem às várias gerações as notícias e tragédias de sua época.

Como documento para um estudo mais profundo da cultura universal, e principalmente a do povo brasileiro, podemos encontrar no ex-voto grande fonte de informação. Câmara Cascudo, em carta aberta a Luis Beltrão considera o ex-voto como "fonte de informação da cultura coletiva, no tempo e no espaço, tão legítima e preciosa como uma prafernalda arqueológica. Vale muito mais do que uma coleção de crâneos com suas respectivas e graves medições classificadoras. É um dos mais impressionantes e autênticos documentos da mentalidade popular. Do Neolítico aos nossos dias."

Na sua maioria, os próprios beneficiados com os favores dos santos usam instrumentos rústicos, transformam a madeira, o barro e a pedra em verdadeiras esculturas, que podem até mesmo considerar como a mais legítima das artes populares. A preocupação maior da pessoa que executa o trabalho é procurar dar aos traços e às formas de cada peça o melhor de sua capacidade, como testemunho ao santo de sua fé e do seu agradecimento. Consciente ou inconsciente cada objeto deixado aos pés dos santos transmite fontes de informações, que cada receptor decodifica e interpreta dentro do seu universo sócio-cultural. Podendo, ainda, tomar dois significados: o sentido denotativo e o conotativo.

No sentido denotativo o ex-voto tem a finalidade de materializar a graça alcançada, que é na realidade o desejo do pagador de promessa, como um canal de ligação entre ele e a divindade.

No sentido conotativo os aspectos encarados são vários, se o desejo do pagador de promessa é fixo, nos desenhos, nas formas, na estética é encontrado em cada objeto uma quantidade ilimitada de informações cujas interpretações são feitas conforme o quadro sócio-cultural dos indivíduos que depositam suas promes

sas ou visitam os locais de romarias.

O trabalho ora realizado na Universidade Federal da Paraíba pela equipe de pesquisas do NUPPO, não tem, simplesmente, o objetivo de formar um acervo de peças soltas para preservar e mostrar ao público como objeto de folclore ou museu. Existe uma preocupação de realizar um estudo sistemático na coleta, catalogação e análise de todo o material que, através de comparações são decodificadas as informações que fornece, importantíssimos dados para identificação da situação sócio-econômico e cultural das localidades onde foram coletados os ex-votos.

Entre várias hipóteses já se pode constatar que a penetração do kistsch nas camadas populares são mais frequentes onde o fluxo de romeiros procede dos centros urbanos maiores. Está sendo observado devido a grande quantidade de ex-votos fabricados em série (peças em cêra, gesso, plástico, que são vendidas em barracas e lojas comerciais instaladas nos locais de romaria próximos a esses centros urbanos) que vem substituindo os fabricados pelos artistas populares, com isso, descaracterizando os ex-votos de referência cultural e estética expontânea.

A medida que os Meios de Comunicação de Massa penetram nessas regiões, vão provocando rápidas mundanças no comportamento dos indivíduos, causando crises nas quais o homem simples do povo passa do seu papel de criador para o de imitador ou, simplesmente, de consumidor de objetos que não representam o momento cultural, desta forma voltando-se para uma realidade fora do seu universo social.

As mundanças sociais causadas por imposição de cima para baixo, violentam o que de mais importante têm as pessoas, que são as manifestações culturais nas suas várias maneiras de expressão.

Acreditamos, também que quando esses novos valores são incorporados cronologicamente dentro de um processo seletivo e aceitos por uma coletividade, trazem benefícios que irão enriquecer cada vez mais a cultura popular.

BIBLIOGRAFIA.

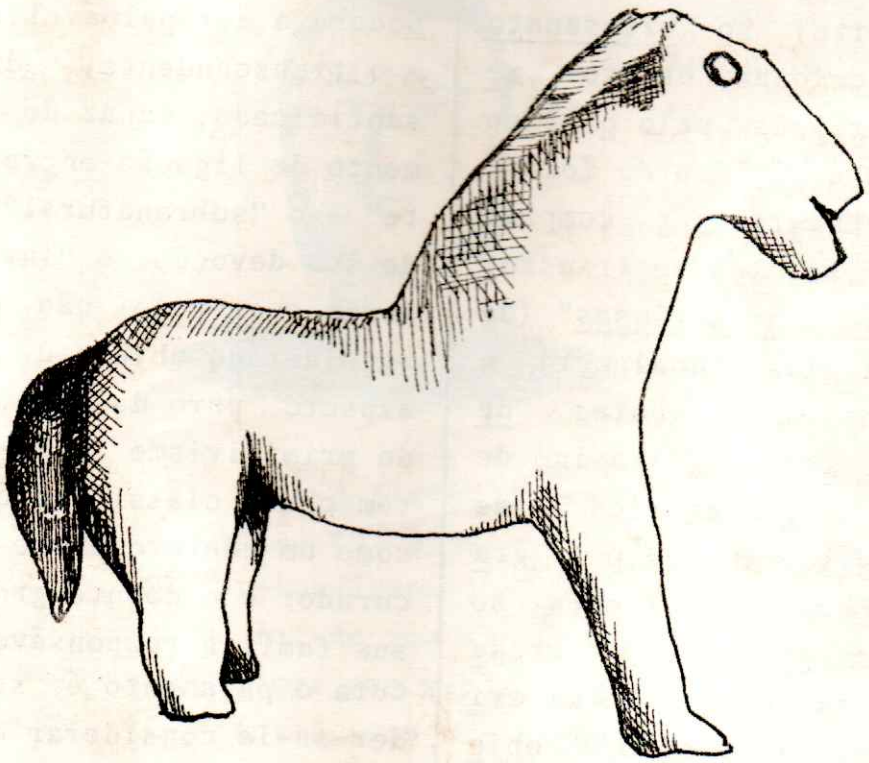
1. BELTRÃO, Luis - O Ex-Voto como veículo jornalístico, revista, Comunicação § Problemas Vol.I, Nº 1; Pags 10/11 Ed. Universidade Católica de Pernambuco.

2. CÂMARA CASCUDO, Luis - Carta

a Luis Beltrão, Revista Comunicação § Problemas Vol.1,Nº2, Pags 133/135, Ed. Universidade Católica de Pernambuco.

3. CESAR, Getúlio - Crendices, suas Origens e Classificações. Ed. Ministério de Educação e Cultura,Pags. 146/147.

4. CORREA DE OLIVEIRA, Gilk -Publicações do IJNPS - Centro de Estudos Folclóricos,nº16.



deria ser. Ela é filha da Estéti ca e, o ex-voto foge dessa para fernália. Esthethas no grego é a filosofia do tudo certo dentro do certo que agrada a vista. Con funde-se com arte, em si.

O equilibrio o que é agradá vel à vista, o que nos causa sa tisfação? Isso é esthesein que quer dizer sentir mas, sentir me dindo, equilibrando, fazendo o útil e o belo que é o ideal da Arte como disse Taine.

No ex-voto, só a arte foto- gráfica e a de fazer maquetes podem ser, assim consideradas.

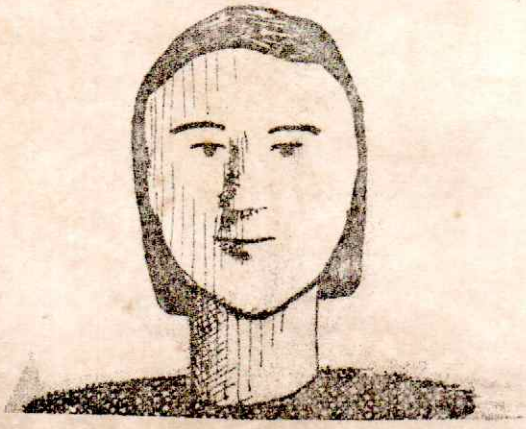
No nosso conceito só a últi ma é expressão ex-votiva.

O que existe, na realidade, no NE, é que o ex-voto é altamen to potencializado pelo milagre. É obter o impossivel à custa de uma súplica, de um voto, de um pedido mágico e sigiloso,do qual só participam, reafirmamos: o vi sível (nós) e o invisível (o san to milagreiro). Quando o ex-voto figura na "sala de milagre", ele é pendurado na parede, ou no teto, depositado nas pratileiras, nos batentes, nos caixões e no altar e entra na conceituação princi pal do fato folclórico que é o "anonimato". Não é escultu ra, é entalhe bruto " in tencional" para cumprir um ato votivo, sem se ter pensado em objetivações expressas de arte.

A ritualidade não é ex-voto! É pagamento de promessa. O "mila gre" é que resulta na materiali zação imaginária do ex-voto. Os brumários romanos, as bacanais, eram ritos de oferendas pela mes se, pelas chuvas, pelo sol, pela primavera. A ritualidade dançada, é apanágio até dos indios mais primitivos do Brasil.

A arte tem de ter uma "inten cionalidade artística", é,um "im pulso" capaz de demonstrar, o po der criativo de quem executa.

O ex-voto não é arte popular; é uma expressão involuntária da mesma, porque a intenção, filha da Fé, foi outra.



SILVA, MARIA AUGUSTA MACHADO DA. EX-VOTOS E ORANTES NO BRASIL: LEITURA MUSEOLÓGICA. RIO DE JANEIRO: MUSEU NACIONAL, 1981.

SILVA, Maria Augusta Machado da. Ex-votos e orantes no Brasil: leitura museológica. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981

